

Voto faz candidato mudar hábitos

PÂMELA NUNES
& SANDRA MATTOS

BRASÍLIA — Além de dados objetivos como propostas de governo e de boas colocações nas pesquisas, o eleitor também está sujeito à influência de fatores subjetivos, quando tem que escolher um candidato à sucessão presidencial. Como seu estilo pode servir de elemento de identificação para o eleitor, revertendo em valiosos votos, cada candidato procura marcar a imagem que, acredita, o favoreça, mesmo com o sacrifício de hábitos e pequenos prazeres do cotidiano. Fernando Collor de Mello (PRN), por exemplo, tem o hábito de fumar pelo menos três charutos ao longo do dia.

Mas desde que começou a liderar a preferência do eleitorado, Collor tem-se privado desse prazer, sempre que há um fotógrafo por perto. Num almoço recente com o corpo diplomático, ele, sem saber que estava sendo fotografado, saboreou prazerosamente um legítimo cubano que acabara de ganhar de presente. Ao notar a câmara, Collor escondeu rapidamente o charuto, para não comprometer a imagem de desportista e preservar a simpatia e os votos dos antitabagistas.

Os charutos também são um prazer proibido para o candidato do PL, Guilherme Afif Domingos. Só entre amigos ele se permite tirar saboreadas bafaradas. Um dos candidatos mais vaidosos, Afif Domingos cuida com esmero da aparência — principalmente para conservar a preferência que julga ter junto ao eleitorado feminino.

Antes de sair para qualquer compromisso, seja a hora que for, Afif Domingos dá um tratamento especial à *toilette*: entre perfumes e loções, os cabelos merecem tanta atenção do candidato que sugerem o uso de um cuidadoso *brushing*, única forma de garantir o perfeito alinhamento dos fios. Depois de ter se tornado público que seus ternos e sapatos são adquiridos por preços proibitivos para o cidadão comum, Afif passou a declarar em entrevistas que se veste no Shopping Center Iguatemi, em São

Paulo — um dos paraísos do consumo para a classe média paulista —, numa infelicidade ao seu alfaiate e ao profissional que há anos confecciona os sapatos de croco alemão que o candidato liberal costuma usar.

Ao contrário de Collor de Mello e de Afif Domingos, o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, não está preocupado com o que os eleitores mais conservadores possam pensar de alguns de seus hábitos. Toma tranquilamente seu uísque com muito gelo e não se furta a uma boa feijoada ou picadinho, sem dispensar, como bom *gourmet*, um cálice de *poire* ao final das refeições. Ulysses se orgulha de ter chegado aos 72 anos sem precisar de óculos. Tem uma memória fabulosa para coisas objetivas, é um grande contador de casos e costuma dizer que sua maior alegria é conversar com amigos sobre política, sem se preocupar com o relógio. Pouco vaidoso com a aparência, Ulysses faz o modelo “descontraído-discreto”. Suas cores preferidas são o cinza, o azul-marinho e o bege. As pessoas mais próximas revelam que Ulysses sente um prazer especial quando está no poder. Normalmente sisudo, o candidato se transformou numa pessoa alegre e jovial todas as vezes que assumiu interinamente a Presidência da República.

Outro que não dispensa uma boa feijoada é o candidato do PSDB, Mário Covas. Embora safenado, também não resiste a uma boa pizza e, desde que precisou largar o cigarro, transferiu para o sorvete o desagudador de suas ansiedades. Prefere os duplos, em casquinhas de biscoito. O “tucano” Covas, que já chegou a fumar cinco maços de cigarro por dia, nunca experimentou uma só gota de álcool, para desgosto do seu sogro português que nunca conseguiu fazê-lo provar sequer um cálice de vinho do Porto. Sua bebida preferida é o guaraná. A escolha de roupas não é o forte desse candidato que faz o tipo bonachão. Nem mesmo os óculos admite trocar por um modelo mais moderno, não obstante os insistentes apelos feitos por sua mulher, Dona Lila.

